

**CORPOS E DÍGITOS NOS PROTESTOS:
REFLEXÕES SOBRE OS 20 ANOS DE CIBERATIVISMO NO MUNDO**

Renato Martinelli¹

Resumo:

Na contemporaneidade, movimentos sociais têm sido protagonistas de fenômenos de conexão e interação entre pessoas em tempo real, bem como de organização de protestos e disseminação de suas causas, usando a internet. O ativismo em meios digitais resulta em novos processos de mediação para fins políticos e sociais, o que têm trazido impactos para governos e sociedades. O artigo pretende analisar os processos comunicacionais de mobilizações sociais realizadas no ciberespaço entre os anos de 1994 e 2014, a partir dos estudos de Harry Pross e Vilém Flusser, para compreender a dimensionalidade do ser humano em protestos dentro e fora da internet.

Palavras-chave: Ciberativismo. Protesto. Comunicação Digital. Mobilização Social. Dimensionalidade.

Protestos na sociedade contemporânea

Seres humanos com estilos e pensamentos diferentes, criados em núcleos sociais que têm, em potencial e em realidade, valores, referências e percepções distintas. Em decorrência dos mais diferentes rumos que a vida dos indivíduos que compõem uma sociedade pode ter, essa trajetória é marcada por debates, conflitos e argumentações em busca de objetivos sociais, econômicos e políticos. Nesse cenário, é possível compreender que protestos são inerentes à vida em sociedade. Segundo Pross (1997, p. 71) protestar significa expressar sua discordância, levantar objeção, discordar, querer negar-se a algo. O protesto pressupõe a existência de espaço público, da opinião pública, e que não deve ser somente testemunhado, mas também deve conquistar a opinião alheia.

¹ Mestre em Comunicação pelo Programa de Mestrado da Faculdade Cásper Líbero, na linha de pesquisa Produtos Midiáticos, no eixo Tecnologia e Mercado. Professor de Comunicação Corporativa na Anhembi Morumbi e BSP – Business School São Paulo.
profrenatomgm@gmail.com

Ao longo de gerações, as manifestações e ações coletivas encontravam no espaço público o local adequado para expor suas ideias e ideais, mesmo não sendo democrático por completo, pois dependendo da ocupação do espaço público, nem todos os representantes dos lados envolvidos nos protestos poderiam ter uma representação política adequada, sem que houvesse um confronto entre os participantes. No entanto, ruas e praças são, historicamente, palcos de lutas das mais diversas motivações na história da humanidade.

Foi no final do século 20, com um maior desenvolvimento tecnológico digital, em especial a partir da popularização do acesso à internet por pessoas conectadas na rede, que os protestos também passaram a ocupar o espaço cibernético. Entre os anos de 1990 e 2000, os microcomputadores pessoais nas empresas e residências representaram a porta de entrada de indivíduos na internet, seja para fins comerciais e de relacionamento, assim como para objetivos de mobilização social e política. A expansão da rede digital em seus primeiros anos, tanto em número de indivíduos como em quantidade de conexões, trouxe como consequência um crescimento exponencial na quantidade de informação e conhecimento pela internet.

Paralelamente, as relações entre os integrantes da sociedade conectada passaram a ocorrer por meio de mensagens eletrônicas e e-mails, depois via fóruns e espaços digitais de bate-papo. Pelo ambiente cibernético, a mediação da comunicação pelos computadores teve como possíveis objetivos trocar informações, dividir opiniões, compartilhar crenças e visões. Ao mesmo tempo, o ciberespaço também possibilitou aos seus usuários uma plataforma aparentemente democrática, de baixo custo, em larga escala e menor tempo, independente de fronteiras geográficas. Para movimentos sociais e grupos organizados com motivação política, a rede conectada passou a ser ambiente quase obrigatório para o ativismo na atualidade. Sob esse aspecto, a internet, e depois, as redes sociais conectadas, propiciaram novos meios de expressão e articulação da opinião pública, com mais interação e colaboração entre os participantes dos protestos, longe do monopólio da informação exercido pelos grandes grupos privados de comunicação de massa.

Segundo Gohn (2013, p. 11) é possível identificar impactos nas mobilizações sociais a partir do uso da internet para alcançar metas novas ou tradicionais dos movimentos sociais.

A sociedade fragmentada e polimorfa que se configurou a partir dos anos 1990, o modelo de associativismo que está se consolidando ao longo dos anos 2000, caracteriza-se pela tendência de grupos e movimentos sociais organizados de se articularem em redes e criarem fóruns a partir dessas redes. (p. 11)

Considerando que a vida social nos dias atuais, tanto em aspectos pessoais quanto profissionais, está ligada ao uso da internet para a realização de atividades no espaço privado e público em termos gerais, percebe-se a interdependência da rede conectada por movimentos sociais e políticos para sua atuação hoje em dia. Tal visão é compartilhada com pesquisas recentes (DI FELICE, 2012, 2013; GOHN, 2013; MALINI e ANTOUN, 2013;), produzidas para entender o processo de mobilização e comunicação com fins políticos e sociais no ambiente digital.

Nesse cenário, surgiu o conceito de ciberativismo, uma prática comunicacional e social realizada por meio da internet e das redes sociais por grupos e indivíduos politicamente motivados e articulados, que visam alcançar novos ou tradicionais objetivos de sua militância. Após a popularização da microinformática, que já trouxe reflexos para a atuação política e social na web, foi a partir dos anos de 2000, com o advento de dispositivos eletrônicos com acesso sem fio às redes conectadas, como celulares inteligentes, *notebooks* e *tablets*, que podemos evidenciar o crescimento do fenômeno do ciberativismo em diversos países nas últimas duas décadas.

Protestos entre corpos e dígitos: 20 anos de ciberativismo

Um fato ocorrido no México, no ano de 1994, foi fundamental para o surgimento do ciberativismo no mundo. No 1º dia daquele ano passou a funcionar o NAFTA, acordo norte-americano para o livre comércio entre Estados Unidos, Canadá e México. Revoltados com a participação do país no bloco econômico, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) mostrou sua oposição. Indígenas da região dos Chiapas tiveram acesso a

computadores e à internet, e usando listas de endereços eletrônicos e envios de e-mails, listas de discussões na web e sites FTP (Protocolo de Transferência de Arquivo), zapatistas organizaram protestos e conclamaram apoiadores para engrossar o coro da manifestação. Sob o lema “!Ya basta!” (Já basta!), sete municípios foram palco de protestos em desaprovação pelo acordo ao qual o governo mexicano se inseriu. Somente no ano de 1996, governo e zapatistas chegaram a um acordo, conhecido por ‘Acordos de San Andrés sobre Direitos e Culturas Indígenas’. Contudo, no mesmo ano, EZLN quebrou o acordo, alegando que o mesmo não havia sido cumprido pelo governo mexicano. Logo em seguida, o movimento zapatista criou seu próprio website², fortalecendo sua atuação na internet.

Pouco tempo depois, não muito longe do México, o ciberativismo mostrou sua força nos Estados Unidos, no ano de 1999. Militantes de movimentos ambientalistas, membros de sindicatos, manifestantes de direitos humanos e de grupos religiosos foram convocados pela internet para protestar contra a realização da reunião da Organização Mundial do Comércio (OMC) na cidade de Seattle. O objetivo do encontro da OMC era para debater as regras do capitalismo para o século 21, e os manifestantes contrários ao regime econômico neoliberal iniciaram os protestos dentro e fora das redes conectadas. O episódio ficou conhecido como a “Batalha de Seattle”, pela intensidade das manifestações, protestos e repressão policial contra os manifestantes.

O ano de 2000 ficou marcado na história do ciberativismo pela ocorrência de dois episódios, um na Europa e outro na América do Sul, por diferentes motivos. Semelhante ao fenômeno americano, os protestos digitais e presenciais na República Tcheca foram iniciados por conta da reunião do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial no mês de setembro. Manifestantes reuniram-se na cidade de Praga, capital do país, para criar um movimento que dificultasse a realização da reunião. Os participantes do encontro foram impedidos de chegar ao local no dia do evento. No dia seguinte, tiveram que permanecer nos hotéis, logo em seguida, com medo da falta de segurança provocada pelos manifestantes, o evento foi encerrado antes da data planejada.

² Website atual do Exército Zapatista pela Liberação Nacional:
<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>

Já o episódio na América do Sul ocorreu na Bolívia. O governo local havia privatizado o controle da água, não somente relacionado ao tratamento e a distribuição do recurso para a população. A empresa vencedora da licitação passou a cobrar valores abusivos pelo uso da água, o que no modo de entender da organização privada, envolvia até mesmo a captação e a utilização da água da chuva. Parte da população teve que deixar sua residência porque não tinha mais condições de pagar os valores das contas de água e tinha sua casa como garantia da empresa responsável pelo controle do recurso natural. Usando a internet, bolivianos organizaram protestos e convocaram pessoas para manifestarem-se contra a empresa e o governo local. Depois, os manifestantes com faixas, cartazes e gritos “El agua és nuestra, carajo!” foram às ruas de Cochabamba e outras cidades para protestar.

Com exceção do fenômeno na Bolívia, que ficou conhecido como “a guerra da água”, outros protestos iniciados na internet no período próximo tiveram motivação econômica e política. No ano de 2001, as manifestações ciberativistas e presenciais ocorreram na Itália, contra o modelo de capitalismo vigente que seria tema de debate de reunião entre chefes de estado dos países mais poderosos do mundo nas áreas financeiras, militares e políticas. A quantidade de participantes da mobilização social em Gênova despertou a atenção, por ter reunido mais de 200 mil pessoas, um grande contingente de indivíduos que rejeitavam o modelo atual, mas que não tinham uma nova proposta que entrasse no lugar do atual regime econômico, político e social. (DI GIOVANNI, 2007, p.56-60) Entre os anos 2001 e 2010, outros episódios de manifestação política e social antiglobalização e anticapitalismo aconteceram pontualmente pelo mundo, mas apesar de saber de sua existência, não foram fatos que ganharam relevância por parte de pesquisadores que estudam sobre mobilização social e atuação política de movimentos organizados.

No início da década de 2010, o mundo assistiu a protestos nas ruas de países como Egito, Líbia, Tunísia e Iêmen, entre outros, que foram liderados por movimentos sociais, que organizaram as manifestações via internet para pressionar os governos vigentes pelo fim das ditaduras e realização de reformas políticas (SANTOS, 2011). As respectivas populações, cansadas da manipulação de seus governantes, foram à luta por melhores condições de vida e democracia no norte da África e Oriente Médio. Por conta do controle exercido pelos

governos sob os meios de comunicação de cada país, envolvendo a censura da imprensa local e internacional para a cobertura das manifestações, militantes usaram as redes sociais conectadas para protestar e compartilhar notícias vindas do centro do conflito. Ativistas atuaram, simultaneamente, como militantes e correspondentes. Como foi possível perceber, os episódios conhecidos como Primavera Árabe atingiram seus objetivos e as ditaduras dos países citados foram extintas, uma a uma.

Estados Unidos e Espanha foram os países que receberam protestos intensos no ano de 2011. O movimento iniciado em solo americano ficou conhecido como *Occupy Wall Street* (OWS), que reuniu milhares de pessoas no ambiente digital em um primeiro momento, e que depois se transformou em luta e protestos nos espaços públicos de cerca de 1500 cidades ao redor do planeta contra o acúmulo de capital por uma pequena parcela da sociedade. Nesse caso, a participação do grupo *Anonymous*³ e o uso de listas de e-mails pela publicação *Adbusters*⁴ foram relevantes para o crescimento e articulação em esfera global do OWS (COSTA ARAÚJO, 2011). No território espanhol, as taxas altas de desemprego somadas à má distribuição de renda foram o estopim para que milhares de pessoas protestassem nas redes sociais conectadas e nas ruas em cerca de 30 cidades da Espanha. O movimento conhecido como ‘Indignados’ teve início em mobilizações a partir de listas de e-mails e mídias sociais por movimentos sociais locais e globais.

No Brasil, os protestos do ano de 2013 começaram nas redes sociais digitais, convocando os manifestantes a pressionar os governos contra o aumento da tarifa do transporte público. Contudo, a participação popular nas mídias sociais gerou outros temas de insatisfação da população brasileira, como os investimentos públicos realizados para receber a Copa do Mundo FIFA, pela corrupção dos políticos e pelos serviços públicos de baixa qualidade. O Movimento Passe Livre (MPL) liderou as manifestações iniciais na rede, mas em seguida, movimentos como o *Anonymous*, grupos organizados e indivíduos inconformados protestaram pela internet e nos espaços públicos de 428 municípios em junho

³ Ver mais em <http://www.anonymousbrasil.com/>

⁴ Ver mais em <https://www.adbusters.org/about/adbusters>

10^o interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

de 2013, com um envolvimento presencial de cerca de dois milhões de brasileiros (CORREIO BRAZILIENSE, 2013), na maior mobilização social e política da história recente do país.

A Venezuela foi, no ano de 2014, o palco de protestos na internet e nas ruas. A motivação contra o processo que elegeu Nicolás Maduro à presidência da república foi o tema inicial. Uma onda atual de manifestações em cidades como Caracas ainda pede a renúncia de Maduro, mas também cobra soluções para a situação econômica do país, que vive um período de alta inflação e escassez de produtos básicos de consumo.

Histórico de Ciberativismo no Mundo: 1994 a 2014				
Ano	País	Motivo	Protestos em dígitos	Protestos em corpos
1994	México	Entrada do país no bloco econômico NAFTA	Lista de e-mails, sites FTP	7 cidades no país
1999	Estados Unidos	Sistema capitalista neoliberal vigente	Lista de e-mails	1 cidade nos EUA (Seattle)
2000	República Tcheca	Sistema capitalista neoliberal vigente	Lista de e-mails	1 cidade no país (Praga)
2000	Bolívia	Controle privado da água no país	Lista de e-mails	7 cidades no país
2001	Itália	Sistema capitalista neoliberal vigente	Lista de e-mails, sites FTP	1 cidade italiana (Gênova)
2010	Egito, Líbia, Tunísia e Iêmen	Regime ditatorial dos governos locais	Lista de e-mails e mídias sociais	Mais de 20 cidades (África e Oriente Médio)
2011	Estados Unidos	Concentração de renda para os mais ricos	Lista de e-mails e mídias sociais	1500 cidades no mundo
2011	Espanha	Sistema capitalista e altos índices de desemprego	Lista de e-mails e mídias sociais	Cerca de 30 cidades no país
2013	Brasil	Aumento da tarifa do transporte público, investimentos para obras da Copa do Mundo FIFA, corrupção e baixa qualidade dos serviços públicos	Mídias sociais, lista de e-mails	428 cidades no Brasil
2014	Venezuela	Governo atual, corrupção, inflação e falta de produtos de consumo	Lista de e-mails, redes sociais	2 cidades venezuelanas

Tabela 1: Quadro geral com informações sobre o ciberativismo no mundo entre 1994 e 2014

Eventos de mobilização sociais e políticas mais recentes, como em casos ocorridos no Brasil, Espanha e Estados Unidos, simbolizam a força do ciberativismo para convocar e mobilizar em tempo reduzido pessoas espalhadas geograficamente dentro e fora do país em torno de uma causa, visando atingir seus objetivos, com articulação em rede e na rede. Entretanto, é possível afirmar que desde a experiência realizada pelos zapatistas, a internet

também passou a ser vista como condição quase essencial de comunicação de movimentos, grupos e indivíduos longe do controle dos meios de comunicação de massa.

Processos de mediação e dimensionalidade dos protestos

Uma maneira de compreender os protestos envolvendo corpos e dígitos seria usar como referência a Teoria dos *Media*, criada por Harry Pross, onde o autor analisa e descreve os processos de mediação entre as pessoas a partir das relações de interação direta. Processos que começam e terminam no corpo.

Toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os participantes individuais se encontram cara a cara e imediatamente presentes com seu corpo; toda comunicação humana retornará a esse ponto. (Pross *apud* Menezes, 2012).

O corpo como mídia. Quando se trata da relação face a face, do ser tridimensional em contato com outro ser tridimensional, da comunicação verbal e não-verbal que ocorre da interação, falamos de um processo de mídia primária. Nesse contato presencial, a comunicação é direta, não só na fala, mas também no olhar, em um gesto com os braços, em uma diferente postura com a cabeça. Baitello Jr. (2012, p. 61) constata que os meios primários “são aqueles que não precisam de nenhum recurso além daqueles oferecidos pelo próprio corpo, seus sons, seus movimentos, sua gestualidade, seus odores.”

Na mídia secundária, o corpo passa a agregar adereços, pinturas e suportes para reforçar seus vínculos comunicacionais e ampliar a força de suas mensagens no tempo e no espaço (MENEZES, 2007, p. 35), ou como coloca Baitello Jr. (2012, p. 61), os meios secundários “são aqueles que lançam mão de materiais extracorpóreos para deixar ou mandar mensagens”. Nos protestos realizados nos últimos anos, com a participação do movimento

Anonymous, conhecido pelo uso da máscara do filme “V de Vingança”, podemos evidenciar um exemplo da mídia secundária. Os cartazes e as faixas que acompanham os manifestantes nas ruas são exemplos de um processo de mediação secundária. Nesse mesmo contexto, o uso do corpo como mídia, pintado com mensagens de luta e palavras, podem ser classificadas como mediações secundárias.

A mediação terciária, no entanto, ocorre quando os corpos envolvidos no processo comunicacional demandam ferramentas para realizar tal processo. “Os meios terciários são aqueles que requerem um jogo de aparatos – um que transmite e outro que recebe os sinais.” (BAITELLO JR., 2012, p. 61). Com o advento dos dispositivos eletrônicos com acesso às redes, como celulares *smartphone*, *tablets* e *notebooks*, e usados cada vez mais na interação social da vida cotidiana, como em postagens relacionadas às manifestações, são exemplos de da presença da mediação terciária.

Vilém Flusser também compartilha uma visão que envolve comunicação, processos de interação social, corpos e imagens. Se no entendimento de Pross, a mídia primária é o processo comunicacional entre os corpos, para Flusser, essa relação se dá entre seres tridimensionais. Entretanto, não existimos apenas nessa dimensionalidade. Apesar da nossa existência complexa, não basta ser, deve parecer. É preciso apresentar uma boa imagem frente às esferas sociais.

O tridimensional vai para o mundo das imagens, e passa a ser bidimensional, o ser humano no plano imagético. Porém, seguindo os estudos de Flusser, o bidimensional está longe de ser a simplificação do indivíduo, pois é possível ir além e reduzir pessoas complexas em uma única dimensão, a dimensão da linha. Como exemplo, essa redução de dimensionalidade ocorre quando um manifestante de corpo e osso transforma-se em linhas de um texto que descreve seu perfil pessoal em uma mídia social digital. Trata-se do homem unidimensional, aquele que sua vida equivale os textos que retratam suas realizações. Como afirma Baitello Jr., “é possível transformar nossas vidas em um único ponto de dimensão espacial desprezível” (2012, p. 131). É o caso quando passamos ao nulodimensional, como em um registro no Cadastro Nacional de Pessoas Físicas (CPF) da Receita Federal.

O desenvolvimento contínuo da tecnologia informática é vista como o caminho para acelerar processos e facilitar a vida cotidiana. Considerando os estudos de Baitello Jr. e Flusser, é possível afirmar que a sociedade busca reduzir o homem tridimensional ao nulodimensional na tentativa de trazer soluções tecnológicas para as questões diárias por meio dos dispositivos eletrônicos e das redes. Contudo, no contexto das mobilizações sociais, historicamente, os protestos surgiram como mediação primária, na tridimensionalidade dos corpos de seus manifestantes. Depois vieram adereços como cartazes, faixas e corpos pintados para reforçar a intensidade dos protestos. Com a chegada e crescimento da tecnologia digital, de início a partir dos microcomputadores, e na contemporaneidade, por meio de dispositivos eletrônicos conectados, a sociedade do protesto também passou a ser representada na nulodimensionalidade, por dígitos, em uma mediação terciária entre grupos e indivíduos manifestantes de um lado, e instituições impactadas de outro.

Considerações finais

Questões relacionadas ao regime de governo e ao sistema capitalista, bem como impactos econômicos da administração pública na vida cotidiana dos cidadãos estão entre os variados temas que a sociedade tem usado para protestar contra as instituições. Ao longo de 20 anos de ciberativismo, foi possível identificar o crescimento de estratégias comunicacionais pela internet para mobilizar pessoas dentro e fora da rede conectada por diferentes povos ao redor do mundo para conquistar suas metas políticas e sociais.

Historicamente, fomos da mediação primária para a secundária nos protestos. Pintamos os rostos e levamos cartazes com palavras de ordem e demandas às praças, ruas e avenidas, obtendo resultados expressivos. No entanto, pela expansão da tecnologia digital e surgimento de plataformas colaborativas, movimentos sociais recentes agregaram a internet em suas iniciativas de comunicação, em processos de mediação terciária.

O ciberativismo vem sido usado como prática de articulação, comunicação e mobilização dos indivíduos nulodimensionais, nas redes, e tridimensionais, nos espaços

públicos. Apesar da força do ciberativismo, analisado de forma isolada, pode-se afirmar pelos fenômenos apresentados que o processo de mediação terciária no ativismo não consegue exercer, somente pela internet, o poder de mobilização e de pressão social que as manifestações presenciais promoveram na história da sociedade. Foi necessário que os protestos saíssem do nulodimensional, os manifestantes precisaram manter sua atuação no plano tridimensional para tentar alcançar suas metas no contexto social. Contudo, a manifestação e o protesto terão efetivo valor quando reconhecidos pelos lados envolvidos, seja na interação entre indivíduos nulodimensionais, seja nos representantes tridimensionais. “Onde quer que o protesto levante a sua voz, pode-se constatar a existência de valores fundamentais.” (Pross, 1997, p. 44)

Referências

BAITELLO JR., Norval. **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo, RS. Editora Unisinos, 2012.

DI GIOVANNI, Julia Ruiz. **Seattle, Praga, Gênova: política anti-globalização pela experiência de ação de rua**. São Paulo, 2007. 149 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo, 2007. Acesso em: 13 ago. 2014.

DI FELICE, Massimo. **Netativismo: novos aspectos da opinião pública em contextos digitais**. Revista Famecos. Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 27-45, 2012.

_____. **Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. Revista MATRIZES. São Paulo, Ano 7 – nº 2, 2013

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FLUSSER, Vilém. **O Mundo Codificado**: Por uma Filosofia do Design e da Comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LEAL, Aline. **Quase 2 milhões de brasileiros participaram de manifestações em 428 cidades**. Brasília: Agência Brasil, 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-06-21/quase-2-milhoes-de-brasileiros-participaram-de-manifestacoes-em-438-cidades>>. Acesso em 20 jun. 2014.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

10º interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

PIMENTA, Francisco J. Paoliello e RIVELLO, Ana Paula Avellar. **Ciberativismo e zapatismo**. Intercom, XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, mai. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0215-1.pdf>> Acesso em 05 jun. 2014.

PROSS, Harry. **A Sociedade do Protesto – volume I**. São Paulo: Annablume, 1997.

SANTOS, Fernando. **O ciberativismo como ferramentas de grandes mobilizações humanas: das revoltas no Oriente Médio às ações pacíficas do Greenpeace no Brasil**. In: Revista Anagrama, ECA-USP, São Paulo, v.5, n.1, 2011.